

COLÓQUIO

Letras

número 208 Setembro/Dezembro 2021

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

CONSELHO EDITORIAL

Guilherme d'Oliveira Martins
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE)

Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 35 67

E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt

www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design

(a partir de obras de Rodrigo Ferreira)

IMPRESSÃO Guide

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em coloquio.gulbenkian/contactos/

TIRAGEM 700

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

SUMÁRIO

MÁRIO CLÁUDIO

- 9 A infância é esta casa: algumas notas a propósito de 'Astronomia'
de Mário Cláudio
Maria João Reynaud
- 18 Antiepopéia e desconstrução histórica
Martinho Soares
- 28 Mário Cláudio e o fascínio da biblioteca intertextual
José Cândido de Oliveira Martins
- 40 Mário Cláudio: o arquiteto da visualidade da palavra
Ana Paula Arnaut
- 51 Crianças, criaturas e criação
Maria Luísa Malato
- 67 A realidade como ficção
José Vieira

POESIA

- 81 *Tiago Veiga*

ARTIGOS

- 91 Reconhecer o Adamastor ou ler Camões com Judith Butler
Luis Maffei
- 101 «Estado de suspensão»: notas sobre a monstrosidade
Artur de Vargas Giorgi
- 111 Trazer o caos às mãos
Diogo Martins
- 121 «Uma ficção feliz é mais feliz que uma realidade infeliz»:
celebrando 'Livro da Dança'
Pedro Meneses

HOMENAGEM A VÍTOR AGUIAR E SILVA

- 135 *Helena Carvalhão Buescu*
- 139 *Isabel Almeida*
- 146 *Maria do Céu Fraga*
- 160 *Sérgio Guimarães de Sousa*
- 171 *António Carlos Cortez*

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 185 Histórias da literatura portuguesa
Miguel Real

- 195 Maria Amélia Neto, poeta de um mundo dilacerado
Fernando J. B. Martinho
- 201 Em «estado de prosa»: sobre 'Apresentação do Rosto' de Herberto Helder
Rita Novas Miranda
- 208 Contos antropológicos
José Eduardo Reis
- 215 Ensaio para o fim dos tempos
Ana Paixão

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

- 223 *A Matéria Escura e Outros Poemas*, Jorge Sousa Braga
RICARDO MARQUES
- 226 *Curta Metragem*, Teresa Alvarez
MANUEL FRIAS MARTINS
- 227 *Alegria para o Fim do Mundo*, Andreia C. Faria
SANDRA GUERREIRO DIAS
- 231 *Estojo*, Miguel-Manso
ADAM MAHLER
- 233 *Um Pouco mais ou menos de Serenidade*, Pedro Ludgero
NUNO BRITO

FICÇÃO

- 234 *Três Novelas*, Mário Cláudio
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- 236 *Embora Eu Seja Um Velho Errante*, Mário Cláudio
JOSÉ VIEIRA
- 239 *Tempo de Fuga*, Amadeu Lopes Sabino
ROBERTO ACÍZELO DE SOUZA
- 242 *Epítome de Pecados e Tentações*, Mário de Carvalho
AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA
- 245 *O Regresso de Júlia Mann a Paraty*, Teolinda Gersão
MAFALDA BORGES SOARES
- 248 *Uma Seta no Coração do Mundo*, Pedro Paixão
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 250 *O Mapa do Mundo*, Pedro Eiras
AMÂNDIO REIS
- 253 *As Telefones*, Djaimilia Pereira de Almeida
ÁLVARO MANUEL MACHADO

ANTOLOGIA

- 255 *A Ilha das Quatro Estações*, José Viale Moutinho
SÉRGIO GUIMARÃES DE SOUSA

TEATRO

- 257 *O Mundo de Ortov*, Jaime Rocha
MADALENA VAZ PINTO

DIÁRIO

- 260 *Sintomas: 2013 a 2104*, Yvette K. Centeno
ANA MARQUES GASTÃO

VÁRIA

- 263 *Tatuagens de Luz*, Cláudia Clemente
DIANA V. ALMEIDA
- 266 *O Perceber do Mundo*, António Vieira
ADELINO CARDOSO

ENSAIO

- 268 *Ensaio 3*, Alberto Velho Nogueira
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 271 *O Absoluto Que Pertence à Terra*, Maria Filomena Molder
JOÃO BARRENTO
- 273 *A Sombra Que Ilumina*, Ricardo Gil Soeiro
EDGARD PEREIRA
- 276 *Formas de Ler*, Teresa Cristina Cerdeira
CARLOS NOGUEIRA

LITERATURA TIMORENSE

FICÇÃO

- 278 *O Plantador de Abóboras*, Luís Cardoso
CATHERINE DUMAS

LITERATURA MOÇAMBICANA

FICÇÃO

- 281 *O Mapeador de Ausências*, Mia Couto
AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA

LITERATURA ANGOLANA

FICÇÃO

- 283 *O Livro do Deslembamento*, Ondjaki
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR

AGRADECIMENTOS: A Rodrigo Ferreira pela autorização gentilmente concedida de reprodução das suas obras. A Francisco Pereira Coutinho (Galeria São Mamede), Raul Lourenço e Luis Manuel Gaspar.

Pedro Paixão
UMA SETA NO CORAÇÃO DO
MUNDO

Évora, Licorne / 2020

Dividido em doze capítulos sem título, numerados tão-só com algarismo árabe, *Uma Seta no Coração do Mundo*, de Pedro Paixão, parece dar continuidade aos outros dois livros que o autor publicou recentemente na mesma editora — *Lembra-Me de Mim* (2017) e *Nada Ficará Escrito* (2018) — e que por sua vez dão seguimento àqueles que vem editando desde que se estreou com *A Noiva Judia* (1992). A obra de Pedro Paixão é um único livro, constituído por todos os que publicou. Tal como neste que agora veio a lume os capítulos se separam por números, naqueloutro cada parte corresponde a um livro autónomo. Embora à superfície distintos, não há nenhuma diferença essencial entre os livros que o autor edita desde há trinta anos. Aceitamos sem discussão no seu caso a definição que ele mesmo dá de «estilo» — «uma essencial repetição de si próprio» (13). Daí a unidade, mas também a reiteração, de tudo aquilo que publicou em letra de forma até hoje e que parece fazer parte desse único livro — a bem dizer circular, sem fim, num eterno retorno do mesmo tópico e tom.

O que melhor caracteriza o estilo de Pedro Paixão, e faz a unidade dos seus trabalhos, é por um lado uma linguagem em estado de exaltação e por outro a indefinição de qualquer fronteira entre géneros — essa forma sem existência real, que não passa duma mediação crítica entre a ideia que temos de literatura e a sua prática. Começemos pela questão dos géneros. Deixando de lado o fotógrafo que Pedro Paixão também é, os seus livros podem ser lidos em dois registos: ou como narrativas alucinantemente breves ou como ensaios filosóficos sobre o ser, o amor e

a escrita. É possível que um dos planos decorra do outro, à maneira dos apólogos que exigem comentário, com a diferença de a fábula se entrosar aqui com a expressão do pensar.

Neste livro de 2020 as possibilidades crescem e as variedades multiplicam-se. Com cerca de 250 páginas, o volume pode ser lido como um conjunto de micronarrativas, de primeira ou terceira pessoa, com um protagonista masculino ou feminino, ou como um conjunto de reflexões e de máximas morais (ou antimorais) — mas pode também ser encarado como deambulação lírica pela alma do mundo, e foi talvez por isso que o seu editor o decidiu incluir numa colecção de poesia onde editou Catulo, Frei Agostinho da Cruz, Ramos Rosa, Rilke, Casimiro de Brito e outros, ou ainda como uma compilação de crónicas (a da p. 203, sobre Jackson Pollock, é exemplar), como um livro de memórias ou uma autobiografia sincera, em que todas as sequências, no que têm de cru, de doloroso e de expectante, são o diálogo do autor consigo. É talvez sob o clarão deste último rosto, como romance autobiográfico, sem construção nem plano, digressão gratuita pelos desvãos da memória, revisitando mais o que não se quer lembrar do que aquilo que se deseja, que *Uma Seta no Coração do Mundo*, mesmo com alguns disfarces dispensáveis, ganha um brilho inusitado e uma riqueza irrecusável.

Esta largueza e esta variedade de registos, que convergem em todo o caso para a exposição involuntária duma vida, e que sendo comuns a outros livros de Pedro Paixão ganham aqui um vinco mais expressivo, devem-se porventura àquela primeira característica que encontramos desde o início na sua obra: uma linguagem em permanente estado de exaltação. Que queremos dizer com isto? Uma palavra febril, que necessita de «inspiração»

para se manter viva — e por esse motivo se diz convictamente neste livro que as «musas existem mesmo» (21). Embora a noção de inspiração e a palavra «musa» tenham desaparecido por completo do léxico crítico do século passado e seja impossível topar com uma enciclopédia de literatura que as dicionarize, o poeta como mediador de uma linguagem oracular que o excede continua a existir. Percebe-se aí nessa experiência poética — aquela que Rimbaud exigia com determinação à vidência — a centralidade da febre verbal e do furor discursivo.

Não obstante esta dimensão excessiva e ébria, a linguagem de Pedro Paixão tem uma inegável componente *técnica*, muito mais moderna e reconhecível, que a harmoniza num todo lúcido e organizado. O seu verbo é insensato e negro, afirmando formas de melancolia dispersiva, e daí a inexorável fragmentação do seu discurso, mas nunca chega a ser confuso e deprimente. É por isso que a fotografia que João Pedro George tirou ao autor, «Uma múmia no sofá» (*Mamas & Badanas*, 2018: 97-100), saiu baça e desfocada. Para ser nítida e verdadeira era necessário que a sua escrita, além de ferida, doente, arcaica e fragmentária, fosse caoticamente desordenada, o que não é. Pedro Paixão faz parte de uma família de escritores — em Portugal a estirpe veio à tona com Antero — que põem a máxima ordem na destruição, a maior clareza na perturbação e a maior lucidez no excesso. As coisas do mundo são frágeis, tão frágeis que se quebram e estilhaçam, mas a voz que delas fala, o espírito que as ordena e arruma é poderoso e inquebrável. Não me parece um acaso que o autor implícito deste livro se declare um «anarquista intelectual» (43), o que quer tão-só dizer que ele equilibra, no mesmo todo, o caos e a racionalidade, a orgia e a ordem, a escuridão e a luz. E menos me parece ainda

um acaso que a mesma voz venha dizer logo de início que *A Cartuxa de Parma*, de Stendhal, é «porventura o meu romance predilecto» (18). Nunca se ajustaram tanto e tão bem como nessa longa narrativa da primeira metade do século XIX os dois regimes do mundo e da alma — a aventura da paixão e a ordem da razão, as trevas selvagens da noite e a ordenada claridade do logos. A certeza do enigma que o conde Mosca afirma à duquesa Sanseverina-Taxis — «le calembour est incompatible avec l'assassinat» (Livro II, cap. XXIV) — é porventura a chave de todo o livro. É sabido que Stendhal, cada manhã, para ganhar fôlego e retomar o tom do romance, lia o Código Civil, modelo para ele da linguagem adequada à narração das mais implacáveis desordens do coração que o mundo viu — as de Fabrice del Dongo, herói de Waterloo aos 17 anos.

Lembre-se a este propósito a relação privilegiada que Luiz Pacheco teve com a literatura de Pedro Paixão. Chegou a afirmar em 1995 numa entrevista a João Paulo Cotrim (*O Crocodilo Que Voa*, 2008: 120) que comprara já três vezes os livros todos do autor. Salvante Hélia Correia, que ainda editou na sua conhecida chancela Contraponto, Pedro Paixão foi com certeza o escritor português revelado depois da Revolução dos Cravos que Luiz Pacheco leu com mais gosto e entusiasmo. Os comentários que dele ficaram, dispersos pelas entrevistas finais, vão no sentido do que atrás avançámos — a conciliação da «emoção» intensa e próxima da vida com a «segurança» e o domínio da linguagem — e levaram mesmo o crítico (*ibid.*: 94) a classificar de «moderna» a prosa de Pedro Paixão. É o lado «técnico», tão sóbrio, seco e ordenado quanto os códigos, que aqui sobressai como uma virtude positiva do que é clássico.

Não queremos fechar esta nota sem dar uma palavra sobre o título *Uma Seta*

no *Coração do Mundo*. Num dos fragmentos do livro (138) fala-se da seta que atinge o alvo e noutra da Diana que sai para caçar (163). É possível que o título seja voluntariamente uma indicação sobre a necessidade que o escritor tem de equiparar a sua actividade à do sagitário. A precisão deve ser a mesma num e noutra e a palavra deve tocar a coisa como a seta atinge o alvo — com idêntico rigor. Estamos ainda sob o regime de influência do clássico, embora um clássico que, na linha de Madame de Lafayette (que construiu quase sem emenda *La princesse de Clèves*) e de Stendhal (que precisou só de 52 dias para escrever *La Chartreuse*), acerta sem polir. Daí o tiro único, certo, sem correcção possível. Mas existe também um outro modo de ler este título — mais primitivo e trágico, em que o mito se adianta à análise. Trata-se da seta de Eros que fere e põe em chamas o coração humano. Inscrevendo no seu nome o sinal fatal desse ardor, Pedro Paixão não tem afinal falado de outra coisa senão dessa força fecunda, violenta e excessiva que tudo enlouquece e incendeia, esse vórtice terrível a que o admirável poeta da *Commedia* deu sublimo expressão, quando remata o seu poema com o verso célebre — *l'amor che move il sole e l'altre stelle*. Um turbilhão assim intempestivo e criador nem sequer precisa de um *outro* para ter expressão; basta-lhe o entusiasmo do verbo solitário e primígeno (207): «Melhor do que estar apaixonado por alguém é sentir-se terrivelmente apaixonado sem saber por quem.» Não se diluindo na água nem se apagando no fogo, a memória expande-se em contacto com o ar, fazendo-se um álcool poderoso, etéreo e altamente inflamável.

António Cândido Franco

[O Autor segue a antiga ortografia]

Pedro Eiras

O MAPA DO MUNDO

Lajes do Pico, Companhia das Ilhas / 2020

A alta produtividade de Pedro Eiras é um tópico frequente nas entrevistas ao autor, bem como nas recensões e nos comentários lavrados a propósito da sua obra vasta e múltipla. E talvez seja a multiplicidade, por seu turno, o que ocupa o segundo lugar entre os assuntos abordados, à guisa de introdução, naqueles contextos. «Fur-nâmbulo» — para utilizar uma das mais abertamente secretas palavras-chave de *O Mapa do Mundo* (41, 49) — entre práticas e géneros, Pedro Eiras tem cruzado e demolido sem pejo as fronteiras da ficção, do teatro, do ensaio, da crítica, da tradução e da poesia. De algum modo, a sua escrita pode entender-se como uma grande máquina efficacíssima, calculadora e combinatória, algo polifónica, algo rítmica. Aliás, esta ideia é corroborada pelo próprio na mesma entrevista em que, desvelando o que chama «a regra do número» (isto é, a grande chave do 13) na construção de *Um Forte Cheiro a Maçã* (Campo das Letras, 2003) e de *A Cura* (Assírio & Alvim, 2017), o escritor e professor de literatura, amadurecido no que toca a «domínios técnicos», confessa já ter «medo de saber demasiado»¹.

É também em número igual ao dos comensais sentados à mesa dos evangelhos que se dividem os capítulos da primeira parte de *O Mapa do Mundo*, perfazendo os restantes — se excluirmos o «Livro do Touro», uma parte sem capítulos — a soma de 33, número importante numa obra debruçada sobre a morte trágica de um Agnus Dei dos nossos dias.

Aos que o acusassem de ceder ao lugar-comum, Pedro Eiras talvez respondesse, pela boca desta mesma personagem — naquele toca-e-foge a que já nos habituou como dispositivo da sua argumen-